

Entre os *fast-thinkers* e os *low-thinkers*:

O primado da opinião na cobertura da TV brasileira sobre o Mundial de Futebol de 2022 no Catar

Between the fast-thinkers and the low-thinkers:

The primacy of opinion in Brazilian TV coverage of the 2022 World Cup in Qatar

José Carlos Marques

Professor Associado da Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru). Livre-Docente em Comunicação e Esporte pela Unesp. Doutor em Ciências da Comunicação - Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Bauru (SP), Brasil.

Resumo

Em maio de 1996, o canal francês Paris Première exibiu dois programas gravados pelo sociólogo Pierre Bourdieu a respeito do meio televisivo. A transcrição de texto desses dois programas originou os primeiros capítulos reunidos pelo autor na obra *Sur la télévision* (Raisons d'Agir Éditions, 1996). Ainda que tenhamos ali algumas ideias um tanto quanto anacrônicas para dar conta das transformações sofridas pela televisão nas últimas três décadas, acreditamos que certos juízos do sociólogo francês ainda mantêm algum viço e atualidade para dar conta dos passos trilhados recentemente pela televisão brasileira (tanto nos canais abertos como nos canais por

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed52.2024.387>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 24, Nº 52, p.218-237, jan./abr. 2024

cabo) com relação ao tratamento dado ao futebol, notadamente por ocasião dos megaeventos esportivos como as Copas do Mundo FIFA. Para tanto, propomo-nos a aplicar algumas ideias de Bourdieu à cobertura televisiva nacional por ocasião do Mundial de Futebol do Catar, disputado de 20 de novembro a 18 de dezembro de 2022.

Palavras-chave: TV brasileira. Pierre Bourdieu. Copa do Mundo do Catar. Futebol. Opinião.

Abstract

In May 1996, the French channel Paris Première aired two programs recorded by sociologist Pierre Bourdieu about the television medium. The text transcription of these two programs gave rise to the first chapters collected by the author in the work *Sur la télévision* (Raisons d'Agir Éditions, 1996). Even though we have some somewhat anachronistic ideas to account for the transformations that television has undergone in the last three decades, we believe that certain judgments by the French sociologist still maintain some freshness and relevance to account for the steps taken recently by Brazilian television (both on open channels and cable channels) in relation to the treatment given to football, notably on the occasion of mega sporting events such as the FIFA World Cups. To this end, we propose to apply some of Bourdieu's ideas to national television coverage on the occasion of the Qatar Football World Cup, played from November 20th to December 18th, 2022.

Keywords: Brazilian TV. Pierre Bourdieu. Qatar World Cup. Football. Opinion.

Resumen

En mayo de 1996, la cadena francesa Paris Première emitió dos programas grabados por el sociólogo Pierre Bourdieu sobre el medio televisivo. La transcripción textual de estos dos programas dio lugar a los primeros capítulos recogidos por el autor en la obra *Sur la télévision* (Raisons d'Agir Éditions, 1996). Si bien tenemos algunas ideas un tanto anacrónicas para dar cuenta de las transformaciones que ha experimentado la televisión en las últimas tres décadas, creemos que ciertos juicios del sociólogo francés aún mantienen cierta frescura y relevancia para dar cuenta de los pasos dados recientemente por la televisión brasileña (tanto en canales abiertos y por cable) en relación con el tratamiento dado al fútbol, en particular en los megaeventos deportivos como los

Mundiales de la FIFA. Para ello, proponemos aplicar algunas de las ideas de Bourdieu a la cobertura televisiva nacional con motivo del Mundial de Fútbol de Qatar, disputado del 20 de noviembre al 18 de diciembre de 2022.

Palabras clave: TV brasileña. Pierre Bourdieu. Mundial de Qatar. Fútbol. Opinión.

Introdução

Em maio de 1996, o canal francês Paris Première exibiu dois programas gravados pelo sociólogo Pierre Bourdieu em março do mesmo ano com o conteúdo de cursos que haviam sido ministrados por ele no Collège de France em Paris. A transcrição de texto desses dois programas originou os primeiros capítulos reunidos pelo autor na obra *Sur la télévision* (Raisons d'Agir Éditions, 1996): “O estúdios e seus bastidores” e “A estrutura invisível e seus efeitos”. O volume contou ainda com um terceiro capítulo, “A influência do jornalismo”. No Brasil, o livro foi traduzido e publicado pela Editora Jorge Zahar em 1997, com o título *Sobre a televisão*, volume que traria ainda um posfácio do próprio Bourdieu (“O jornalismo e a política”) e o artigo “Os jogos Olímpicos”, este derivado de uma conferência proferida por ele em outubro de 1992 em Berlim, na Alemanha, a respeito da Olimpíada de Barcelona realizada meses antes.

As ideias defendidas nessa obra por Bourdieu, ao mesmo tempo que se transformaram num sucesso editorial (apenas um ano depois do lançamento já haviam saído sete edições francesas), suscitaram certa polêmica e provocaram algumas críticas em função do excessivo teor ácido do pensador para com o meio televisivo.¹ Uma delas dizia respeito ao fato de que, ao contrário da maior parte de seus trabalhos anteriores (apoiados em extensas leituras e pesquisas sociológicas), a análise sobre a televisão por ele proposta apoiava-se em anotações pessoais e em sua própria experiência midiática (APCHAIN, s/d), ou seja, era fruto de um empirismo por vezes pouco legitimado no seio acadêmico.

Passadas quase três décadas desde o surgimento dos programas gravados por Bourdieu e a posterior publicação em livro das ideias ali contidas, pode parecer algo anacrônico resgatar uma análise que levava em conta um modelo televisivo europeu que era predominante no final do século XX, e passou por tantas transformações nas primeiras décadas do século XXI. Ainda assim, parece-nos que certos

¹ Destacamos aqui a nota da edição brasileira a propósito do posfácio de Bourdieu: “*Sobre a televisão* foi objeto de vasta controvérsia que mobilizou todos os grandes jornalistas e editorialistas dos diários, dos semanários e das televisões francesas durante vários meses, período durante o qual o livro encabeçava a lista dos best-sellers. (N.E.)”

conceitos e algumas provocações propostas por Bourdieu àquela altura ainda podem ser úteis para compreendermos os passos trilhados recentemente pela televisão brasileira (tanto nos canais abertos como nos canais por cabo) no que diz respeito ao tratamento do futebol, notadamente por ocasião dos megaeventos esportivos, como as Copas do Mundo FIFA. Para tanto, propomo-nos neste artigo a um exercício de aplicação de algumas das ideias de Bourdieu sobre a televisão para analisar a programação televisiva nacional por ocasião do Mundial de Futebol do Catar, disputado de 20 de novembro a 18 de dezembro de 2022. E, por uma limitação espacial e teórica, deixaremos de tratar aqui dos novos agentes que passaram a participar da mediação do esporte pela internet, tanto por meio das redes sociais (Facebook) como do Youtube ou das plataformas de streaming.

Ao longo dos cinco textos que compõem a edição brasileira de *Sobre a televisão* (os três capítulos da edição original, mais o posfácio e o capítulo sobre a Olimpíada de 1992), Bourdieu estabelece uma saraivada de juízos mais apocalípticos [para lembramos da não menos provocativa formulação de Umberto Eco (1993) ao opor frankfurtianos e funcionalistas], os quais mantêm uma invulgar unidade: é como se os cinco textos formassem um conjunto coeso de juízos críticos sobre aquilo que ele acreditava ver na televisão francesa e europeia na década de 1990. Uma das principais revelações que mais incomodavam o sociólogo francês tinha a ver com o predomínio adquirido pelo meio televisivo, criado cerca de meio século antes, diante do poder cadente do meio impresso, sedimentado pelo menos há cinco séculos, desde a revolução de Gutenberg. Para Bourdieu, as emissoras de TV passaram a propor uma visão do mundo cada vez mais despolitizada, asséptica, incolor, envolvendo os jornais numa guinada para a demagogia e para a submissão aos interesses comerciais. Trata-se do mesmo juízo formulado mais tarde pelo pesquisador espanhol Antonio Alcoba Lopez (2015, p. 333):

El medio más representativo, al menos por ahora, es la prensa, porque es la encargada de ofrecer opinión, aunque a veces esté manipulada. La Radio y la Televisión son medios puramente comerciales que por su constitución, debida a sus espacios temporales de emisión, se ven obligados a ir directamente a los temas competitivos, y pocas veces a tratar los aspectos conflictivos.

Do mesmo modo, o papel da investigação jornalística teria cedido espaço a discussões mais afeitas ao entretenimento e menos subordinadas a avaliações sérias e fundamentadas:

Daí a tendência que se observa por toda parte, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, a sacrificar cada vez mais o editorialista e o repórter-investigador em favor do animador-comunicador, a informação, análise, entrevista aprofundada, discussão de conhecedores ou reportagem em favor do puro divertimento e, em

particular, das tagarelices insignificantes dos ‘talk shows’ entre interlocutores habituais e intercambiáveis. (BOURDIEU, 1997, p. 133)

Não é tarefa muito difícil, mesmo que por força de impressões empíricas, que o público leitor perceba o quanto esse fenômeno que tanto incomodava Bourdieu nos anos de 1990 parece ter-se cristalizado como predominante na televisão brasileira, tanto nos canais abertos como nos canais a cabo, o que ganha contornos hiperbólicos na cobertura de megaeventos, especialmente quando se trata de uma Copa do Mundo FIFA de Futebol. É o que tentaremos demonstrar nas próximas páginas, tendo como pano de fundo o Mundial do Catar de 2022.

O primado da opinião na cobertura televisiva sobre o esporte no Brasil

Antes de prosseguirmos na leitura das combativas e por vezes polêmicas ideias de Bourdieu em *Sobre a televisão*, faremos uma pequena reflexão em torno de outra tendência que se observa nos últimos anos no Brasil a respeito da pequena presença de reportagens ou grandes reportagens sobre o esporte nos canais televisivos. Os principais grupos de TV a cabo, como SporTV e ESPN, deixaram de apostar nesse tipo de conteúdo devido aos altos custos de produção e, quando ocupam suas telas com um jornalismo mais reflexivo e interpretativo, não é raro que seja pela exibição de produções estrangeiras (foram-se os tempos em que a ESPN nos brindava com o “Histórias do Esporte” ou o “Caravana do Esporte”, descontinuados na década de 2010). Na TV aberta, o programa dominical Esporte Espetacular, da TV Globo, é o único atualmente no qual ainda se pode assistir a um bom conjunto de grandes reportagens a respeito de aspectos atuais ou históricos sobre o esporte.

Diante desse panorama, a cobertura esportiva na TV brasileira tem-se restringido a três grandes conjuntos temáticos: 1) reportagens pontuais e recorrentes (jornalistas que cobrem o cotidiano dos clubes ou que aparecem na tela antes, durante ou depois de uma dada partida), algo que povoa tanto os telejornais como os programas de opinião; 2) transmissões de eventos esportivos, nas quais é necessário forte apelo financeiro para a aquisição dos respectivos direitos televisivos; 3) e programas de debate sobre os mesmos eventos esportivos adquiridos pelo canal e também sobre a cena esportiva de modo mais amplo.

Descontadas as transmissões televisivas e as reportagens de pré ou pós-jogo, o maior tempo das grades de televisão no Brasil é ocupado por programas de debate, aqueles em que opiniões das mais variadas tonalidades e formatos são proferidas *ad nauseam*. Em épocas de megaeventos como uma Copa

do Mundo FIFA, os programas de opinião e de debates – muitos deles cercados pela noção de entretenimento ou pela busca do riso a todo custo – chegam a um número impressionante, como podemos observar no quadro a seguir, montado durante a realização do Mundial do Catar em 2022, entre 20 de novembro e 18 de dezembro de 2022 (a tabela não apresenta dados sobre as transmissões das partidas, mas apenas sobre os programas dedicados à cobertura do evento):

Tabela 1: TV brasileira e programas sobre Copa do Mundo de 2022

Canal	Programa	Tipologia	Periodicidade *
Bandsports (TV por cabo)	Primeiro Tempo	Informação / comentário	Diário: 10h às 11h45
	Esporte Agora	Informação / comentário	Diário: 14h às 15h45
	Bola Rolando	Debate / opinião	Diário: 18h às 19h45
	Baita Amigos	Debate / opinião	Diário: 20h às 21h30
	G4	Debate / opinião	Diário: 21h45 às 23h15
Canais ESPN (TV por cabo)	ESPN F360	Debate / opinião	Diário: 9h
	ESPN F90	Debate / opinião	Diário: 14h
	Sportscenter	Informação / comentário	Diário: 11h, 16h e 18h
	ESPN FC Brasil	Debate / opinião	Diário: 20h30 às 22h
	Linha de Passe: Mesa-Redonda	Debate / opinião	Diário: 22h
	Sportscenter Última Edição	Informação / comentário	Diário: 23h30
Globo (TV aberta)	Central da Copa	Debate / opinião	Diário: 23h45 às 00h30
SporTV (TV por cabo)	SporTV News	Informação / comentário	Diário: 8h às 10h
	Redação SporTV	Debate / opinião	Diário: 10h às 12h/13h30
	Troca de Passes – Copa do Mundo	Debate / opinião	Diário: 13h30 às 19h30 ou 18h30 às 20h
	Seleção Catar	Debate / opinião	Diário: 19h30 às 22h30
	Tá na Copa	Debate / opinião	Diário: 22h30 às 23h30
	SporTV News	Informação / comentário	Diário: 23:30 à 1h

Fonte: elaborado pelo autor.

* Os horários de exibição dos programas podiam variar conforme o dia.

Na Bandsports, os programas de debate/opinião contavam com as seguintes participações, quase sempre fixas, de profissionais da casa: o Bola Rolando trazia os jornalistas Raí Monteiro, Cacá Fernando, Ivan Drago e Paulo do Valle, mais a ex-jogadora de futebol Aline Calandrini; o Baita Amigos era mediado pelo apresentador e ex-jogador Neto, mais o ex-jogador Velloso e o jornalista Vitor Guedes. O G4, por sua vez, era composto apenas por jornalistas: Eduardo Tironi, Marília Ruiz, Arnaldo Ribeiro e Paulo Massini.

Nos canais ESPN, todos os programas eram apresentados e tinham a participação de pessoas – dos setores de jornalismo ou locução – que integravam o quadro de profissionais da empresa.

Na TV Globo, o Central da Copa tinha como participações fixas o apresentador Alex Escobar, o ex-jogador Fred e a cantora Jojo Toddynho (estes dois convidados especialmente para o programa). A cada dia, uma outra pessoa também era convidada (normalmente cantoras, cantores ou artistas da própria emissora) e juntava-se ao trio no estúdio. Também o humorista Marcelo Adnet comparecia diariamente por meio de esquetes gravados.

Por último, nos programas de debate dos canais SporTV, o Redação SporTV contava com a presença dos jornalistas Tim Vickery e Sergio Xavier. O Troca de Passes – Copa Do Mundo trazia jornalistas como Felipe Diniz, Bárbara Guimarães e Carlos Eduardo Mansur, mais o ex-jogador Elano. O Seleção Catar, programa mais longo do canal, tinha na mediação a dupla de jornalistas André Rizek e Marcelo Barreto, enquanto os comentários se dividiam entre convidados: os ex-jogadores D’Alessandro e Michel Bastos, o treinador português Luís Castro, mais um convidado diário (que podia ser jornalista ou jogador). Por fim, o Tá na Copa era apresentado por Magno Navarro e Igor Rodrigues, do própria SporTV, e destacava a presença de dois convidados: a atriz Deborah Secco e o ex-jogador Aloisio Chulapa.

Até aqui, não tratamos ainda da questão que seria própria dos gêneros jornalísticos, na compreensão do que é a informação e seu contraponto com a opinião e a interpretação. Nosso intuito não é revisar a literatura a respeito ou propor novas formulações, até porque nos parece que se trata de um tema deixado um pouco de lado nos últimos anos pelas pesquisas na área do jornalismo.² De todo modo, quando se fala sobre gêneros jornalísticos no Brasil, é quase inevitável citar os trabalhos seminais de Luiz Beltrão (1969; 1976; 1980), José Marques de Melo (1985; 2010) e Manuel Carlos Chaparro (1998; 2008). Marques de Melo, por exemplo, repete e amplia as proposições de Luiz Beltrão, sintetizando sua proposta na existência de cinco gêneros jornalísticos: *jornalismo informativo, interpretativo, opinativo, diversional e utilitário*. Já o professor Chaparro prefere um trabalho de depuração e estabelece tão somente duas categorias para definir a atividade jornalística, que se dividiriam entre *relatar* e *comentar* a atualidade. Mais recentemente, um trabalho de fôlego conduzido por Lia Seixas (2009) e intitulado *Redefinindo os*

² Retomamos aqui algumas reflexões desenvolvidas em Marques (2015).

gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação atesta as dificuldades em se buscar algo mais consensual sobre a questão:

No jornalismo brasileiro, exceto por alguns artigos realizados na década de 90 e o recente trabalho de Manuel Chaparro [...], os estudos sobre esta noção pararam na década de 80, quando Marques de Melo publicou *A opinião no jornalismo brasileiro* [...]. Entretanto, ao mesmo tempo em que a classificação de Marques de Melo é citada pela totalidade dos pesquisadores do jornalismo, em geral, não é aceita por seus critérios de classificação. Assim, a cada novo artigo, a cada novo trabalho, uma nova classificação, sugerida. (SEIXAS, 2009, p. 3).

Entretanto, Seixas aparentemente se deixou levar pela mesma sedução que parecia querer combater, qual seja, a de propor uma nova taxonomia. Assim, ela estabelece quatro elementos para dar conta do gênero jornalístico a partir de uma lógica discursiva, e não de produção. Teríamos assim: a *lógica enunciativa*; a *força argumentativa*; a *identidade discursiva*; e as *potencialidades do mídiu*m.

A nosso ver, cabe registrar, nesta seara, a iniciativa de Adair Bonini (2003), com o artigo “Os gêneros no jornal: o que aponta a literatura da área de Comunicação no Brasil?”. Mais modesto e menos ambicioso, este trabalho não só realiza um levantamento sobre as definições de gênero jornalístico levadas a cabo pela academia, mas também aquelas desenvolvidas pelo próprio mercado, como nos cursos ou manuais de comunicação. E, mesmo apontando para uma enorme imprecisão das definições sobre gênero, Bonini acredita ser a proposta do Prof. Chaparro a mais consistente, ainda que por vezes contraditória:

De certo modo, ao incorporar a metodologia aristotélica à sua reflexão sobre os gêneros do jornal, Chaparro cai na própria armadilha epistêmica que critica nos demais autores (ignorar o aspecto constitutivo da linguagem nas atividades humanas). Seu trabalho, contudo, em comparação com os demais, é mais coerente quanto à utilização da tipologia empreendida. Os fenômenos de fato são tratados de acordo com a hierarquia categorial posta, o que não acontece com os outros autores. (BONINI, 2003, p. 216).

Neste nosso artigo, o modelo proposto pelo Prof. Chaparro é o que melhor se aplica à leitura que iremos realizarmos sobre o tratamento dado à Copa do Mundo de 2022 pela televisão brasileira. É justamente na oposição relato x comentário que visualizamos o pêndulo que definiu os programas diários ao longo do Mundial do Catar. Tal oposição é a mesma considerada em outro texto sobre os gêneros, agora de Paula Cristina Lopes (2010):

Os gêneros jornalísticos “ordenam” o material informativo, produzem discursos sociais mais ou menos diferenciados. Funcionam como categorias básicas intrinsecamente ligadas à expressão da mensagem jornalística, à sua forma e estrutura. Basicamente, podemos dizer que existem dois grandes grupos onde se “arrumam” os gêneros jornalísticos enquanto matriz teórica: o que serve para dar a conhecer factos/acontecimentos, através da sua descrição e narração; e o que visa dar a conhecer ideias, através da

exposição de comentários e juízos de valor acerca de factos/acontecimentos. No primeiro caso, falamos de géneros informativos (facts); no segundo, de géneros opinativos (comments). (LOPES, 2010, p. 8).

Poderíamos ponderar ainda que essa classificação sobre os géneros não se desprende das etapas históricas de desenvolvimento do jornalismo. Se considerarmos que o jornalismo propagandista de um certo conjunto ideológico serviu para o fortalecimento do género opinativo (por exemplo, a oposição entre jornais monarquistas e jornais republicanos no Brasil no século XIX), o antídoto passou a ser proposto pelo jornalismo norte-americano no século XX numa tentativa de priorizar a informação – daí a valorização dos conceitos do *lead* (quem, quando, como, onde e por quê) e da pirâmide invertida (condensar no início da notícia os elementos que poderiam sintetizá-la de forma mais “objetiva”). Entre as duas operações, podemos acrescentar ainda o papel do jornalismo explicativo ou interpretativo, que buscava mover-se entre as fronteiras dos demais. Bourdieu amplia o debate, inserindo nessa questão a noção da busca de audiências por detrás da lógica informativa sensacionalista:

O campo jornalístico constituiu-se como tal, no século XIX, em torno da oposição entre os jornais que ofereciam antes de tudo “notícias”, de preferência “sensacionais” ou, melhor, “sensacionalistas”, e jornais que propunham análises e “comentários”, aplicados em marcar sua distinção com relação aos primeiros (...); ele é o lugar de uma oposição entre duas lógicas e dois princípios de legitimação: o reconhecimento pelos pares, concedido aos que reconhecem mais completamente os “valores” ou os princípios internos, e o reconhecimento pela maioria, materializado no número de receitas, de leitores, de ouvintes ou de espectadores, portanto, na cifra de venda (bestsellers) e no lucro em dinheiro, sendo a sanção do plebiscito, nesse caso, inseparavelmente um veredito do mercado. (p. 105).

Diante de um acontecimento extraordinário como a Copa do Mundo, os meios de comunicação (e não apenas os jornais impressos, como alude Bourdieu) deveriam oferecer cotidianamente aos seus públicos algo extracotidiano. Um megaevento esportivo configura-se assim como um grande exemplo de cotidianidade rompida, ou seja, seria o “extracotidiano” em estado puro, mas também se torna cotidiano ao longo da duração do evento.

O esporte na televisão, de maneira mais acentuada do que ocorre em outras áreas, ficará refém dessa oposição e da opção pelo reconhecimento externo, ou seja, pela lógica mercantilista do mercado, o que é provocado pela própria lógica da presença do esporte nas emissoras de sinal aberto ou de sinal por assinatura. Tal lógica opera, inicialmente, em função da maneira como os canais fazem a exibição de eventos esportivos, no Brasil e em inúmeros países em todo o mundo: a partir da aquisição dos direitos televisivos de transmissão, vendidos pelas entidades que organizam as competições. Se as emissoras só podem transmitir eventos que elas mesmas adquiriram, isso faz com que elas mesmas se tornem parceiras

de federações, confederações e associações esportivas. Nesse modelo de “sociedade mercadológica”, é natural que partidas e jogos tenham um tratamento diferenciado, por meio de um olhar mais eufórico do que disfórico.

É uma lei que se conhece muito bem: quanto mais um órgão de imprensa ou um meio de expressão qualquer pretende atingir um público extenso, mais ele deve perder suas asperezas, tudo o que pode dividir, excluir – pensem na Paris-Match –, mais ele deve aplicar-se em não “chocar ninguém”, como se diz, em jamais levantar problemas ou apenas problemas sem história. (BOURDIEU, 1997, p. 63).

Persiste, assim, uma forte bonomia dos canais de televisão ao noticiarem a sequência dos torneios sobre os quais fazem cobertura: pouco se comentam os desmandos de dirigentes, a manipulação de resultados, a má organização desportiva, as improbidades administrativas, o mau uso de recursos públicos, etc. Os interesses financeiros das empresas de comunicação coadunam-se com os das entidades esportivas e anunciantes.

Os *fast-thinkers* e a linguagem de autoridade

Mas voltemos àquilo que procuramos chamar de “primado da opinião” na televisão brasileira. Pierre Bourdieu, atento à ocorrência desse fenômeno, estabelece, em sua obra já citada, a qual serve de base para nossas reflexões, a categoria dos *fast-thinkers* na mídia moderna: aqueles que pensam rápido, mas por meio de ideias feitas, e produzem apenas *fast-food* cultural:

(...) o certo é que há um elo entre o pensamento e o tempo. E um dos problemas maiores levantados pela televisão é a questão das relações entre o pensamento e a velocidade. Pode-se pensar com velocidade? Será que a televisão, ao dar a palavra a pensadores que supostamente pensam em velocidade acelerada, não está condenada a ter apenas *fast-thinkers*, pensadores que pensam mais rápido que sua sombra...? (BOURDIEU, 1997, p. 40).

O contraponto ao *fast-food* cultural, para Bourdieu, seria algo no qual as televisões não estariam interessadas em investir, ou seja, a concessão de tempo para a elaboração do pensamento: o pensamento é, por definição, subversivo; deve começar por desmontar as “ideias feitas” e deve em seguida demonstrar o raciocínio, como num processo cartesiano (BOURDIEU, 1997, p. 41).

No caso da televisão brasileira durante a Copa do Mundo do Catar, tal propósito “subversivo” não só não se estabeleceu, como ainda deu lugar a outras quatro tendências que se constituíram com força desde então:

- 1) A presença, na grade dos canais a cabo, de programas de debates e de opiniões intermináveis ao longo do dia, com conteúdos *fast-food* que se sucediam uns aos outros, sem que houvesse grandes distinções entre um e outro;
- 2) O regozijo, por vezes velado e por vezes explícito, com o insucesso de seleções rivais (como Argentina, França, Alemanha, Inglaterra) era até mais significativo do que o próprio êxito da seleção brasileira;
- 3) O exercício do “palpitação”, ou seja, a formulação de palpites sobre os jogos por meio de bolões de resultados, algo que invadiu toda a cena midiática para além dos programas sobre esporte, incluindo telejornais, programas de entretenimento etc.;
- 4) A forte constância de sites de apostas como patrocinadores dos programas sobre futebol e Copa do Mundo (pretendemos analisar esse fenômeno em outro momento).

À exceção da presença das casas de apostas nos intervalos comerciais das emissoras, as outras três tendências foram colocadas em marcha justamente pela presença de diversos *fast-thinkers*, categoria que se notabiliza ultimamente por ser composta por diversas celebridades convidadas para comentar as Copas do Mundo (casos de artistas, cantores, modelos, humoristas etc.). E, ainda que não tratemos aqui das transmissões dos jogos da Copa do Mundo (circunscritas a princípio à categoria do “relato”), é interessante perceber um certo comportamento padrão assumido pelas pessoas que ancoram os telejornais esportivos ou os infinitos programas de debates (também conhecidos por “mesas redondas”) que proliferaram em progressão geométrica no Mundial do Catar em 2022, característica também apontada por Bourdieu:

Nossos apresentadores de jornais televisivos, nossos animadores de debates, nossos comentaristas esportivos tornaram-se pequenos diretores de consciência que se fazem, sem ter de forçar muito, os porta-vozes de uma moral tipicamente pequeno-burguesa, que dizem “o que se deve pensar” sobre o que chamam de “os problemas de sociedade”, as agressões nos subúrbios ou a violência na escola. (BOURDIEU, 1997, p. 65)

Não à toa, essas mesmas pessoas que ancoram telejornais esportivos ou que assumem a mediação das mesas redondas acabam por preferir tergiversar diante de temas mais espinhosos. Escolhido como sede do Mundial de Futebol em dezembro de 2010, e envolto em suspeitas de compra de votos, o Catar viu-se em meio a novas polêmicas às vésperas do começo do evento, em virtude das denúncias de utilização de mão de obra escrava, do desrespeito às normas trabalhistas, da proibição de manifestações

homoafetivas em público etc. No lugar de um debate franco e aberto sobre essas questões, as televisões não se furtaram a veicular uma reportagem aqui ou ali, mas optaram sistematicamente por um silenciamento programático em torno da inserção desses temas junto à opinião pública.

O programa *Tá na Copa*, do SporTV, obteve êxito não pela profundidade dos temas ali abordados, mas justamente pela tentativa de aproveitar o carisma da atriz Deborah Secco para atrair a audiência, já que ela não escondia o fato de não ser “entendedor” de futebol. O programa era uma gargalhada do começo ao fim entre a equipe de apresentadores e o ex-jogador Aloísio Chulapa; Secco ganhou ainda notoriedade menos pelas opiniões, e mais pela customização do uniforme cedido pela empresa (viralizaram os cortes no tecido que ela realizou para adaptar a indumentária a seu corpo).³

Vemos, assim, como se reconfigura o tratamento conferido a esses temas na TV brasileira: o esporte parece estar associado sempre ao espaço da leveza, ao momento da descontração ou da valorização das conquistas. Pouco há de investigativo ou de reflexivo nas matérias sobre clubes, federações, entidades, competições, etc. O mais importante é saber com quem o astro está namorando, qual marca de perfume ou de carro ele prefere, onde passará as férias de meio de ano, entre outras futilidades. Ou como aponta mais uma vez Bourdieu:

As notícias de variedades, como disse, têm por efeito produzir o vazio político, despolitizar e reduzir a vida do mundo à anedota e ao mexerico (que pode ser nacional ou planetário, com a vida das estrelas ou das famílias reais), fixando e prendendo a atenção em acontecimentos sem consequências políticas, que são dramatizados para deles “tirar lições”, ou para os transformar em “problemas de sociedade”. (BOURDIEU, 1997, p. 73)

Por este aspecto, o *Central da Copa*, da TV Globo, situou-se num registro bastante interessante: por um lado, havia a presença masculina do ex-jogador Fred, representando o papel simultâneo do ranzinza e do galanteador, e do apresentador Escobar, esforçando-se para fazer graça quase sempre de forma caricata. O programa, por exemplo, ironizou a derrota da Argentina na estreia (dançaram o tango “Por una cabeza” no palco) e a eliminação da Alemanha na fase de grupos (Escobar vestiu-se de “alemão” como se estivesse num grupo folclórico da Oktoberfest). Por outro lado, o programa também se voltou ironicamente contra a própria Globo por meio do quadro “Que Doha é essa?”, de Marcelo Adnet: houve ali imitações impagáveis do locutor da casa Galvão Bueno e do apresentador Silvio Santos (que, assim,

³ Matéria que sintetiza bem esse fenômeno foi publicada pelo site da revista de moda *L’Officiel Brasil* (Acesso em 23 dez. 2023): <https://www.revistalofficiel.com.br/moda/deborah-secco-e-seus-seus-looks-para-a-copa-2022>.

compareceu com força na tela da Globo, ainda que por meio de uma farsa, quase 50 anos após ter deixado a emissora para rumar à concorrência e se transformar no dono do SBT).

Por outro lado, coube a Jojo Todynho, de certa forma, a melhor elaboração retórica dessa Copa do Mundo, ao se lembrar do anunciado não pagamento de pensão marital por parte de Éder Militão, jogador da seleção brasileira no Mundial do Catar. Militão e outros jogadores da equipe causaram polêmica ao aceitarem o convite do ex-jogador Ronaldo Fenômeno para jantarem num dos restaurantes mais badalados da cidade de Doha, de propriedade do chef Nusret Gökçe, celebrado por servir carne folheada em ouro.⁴ Enquanto a discussão tendia para “a anedota e o mexerico”, como citados por Bourdieu, Todynho recolocou a questão no lugar devido: “se ele pagar a pensão, tudo bem”, aludindo ao tema do abandono parental, algo tão comum entre os futebolistas brasileiros e tão pouco debatido. Todynho, ironizada por integrar a equipe do programa e por não ser afeita ao universo do futebol, não foi pior que inúmeros outros comentaristas de esporte da TV brasileira.

De todo modo, nem sempre uma formulação inusitada e pontual como a de Jojo ocupa as falas das pessoas excêntricas ao tema em discussão. Lauro Freitas Filho (1985) formulou um juízo bastante pertinente ao de Bourdieu, uma década antes dos cursos gravados pelo sociólogo francês, ao notar o perfil das pessoas que teciam comentários sobre esporte na imprensa – o que dá perfeitamente para estendermos ao meio televisivo ou radiofônico:

Hoje, ao lermos uma crônica ou um comentário nos jornais dia seguinte aos jogos, temos a nítida impressão de que a análise está sendo feita por um teórico, um estudioso profundo do assunto, quando são simplesmente jornalistas que as fazem sem que, para isso, tenham tido a necessidade de freqüentar cursos específicos. A linguagem e o nível de complexidade do esporte permitem esse tipo de fácil acesso ao seu universo, não fechando as suas portas nem aos informantes (jornalistas) nem aos informados. [...] Ao contrário de outros setores, como a economia e a política, onde não se permite às massas o acesso aos seus “bastidores”, no esporte isso é utilizado quase que de maneira compensatória (FREITAS FILHO, 1985, p. 55).

De fato, permite-se algo no esporte que não é permitido em outras áreas que recebem cobertura dos meios de comunicação. Apenas para buscar exemplos bem recentes: aquando da pandemia global de Covid-19, que assolou o planeta entre 2020 e 2023, quem era convidado por emissoras de televisão para comentar o fenômeno, para além dos jornalistas ou articulistas do canal? Pois bem, havia a forte presença de profissionais da área médica, mas, de maneira notável, também a presença de cientistas e pessoas da

⁴ <https://www.poder360.com.br/esportes/jogadores-da-selecao-comem-carne-folheada-a-ouro-no-qatar/>. Acesso em 30 dez. 2023.

universidade, todas envolvidas em pesquisas e investigações acadêmicas (para brincar com os *fast-thinkers* de Bourdieu, vamos atribuir a essas pessoas a denominação de *low-thinkers*). Por ocasião dos conflitos entre Rússia e Ucrânia (iniciados em fevereiro de 2022) e entre Israel e Hamas (a partir de outubro de 2023), alargou-se um pouco o leque dos convidados, mas ainda assim se percebeu uma forte presença de pessoas da universidade para incrementar o debate público nas televisões. Para discutir questões climáticas ou econômicas, as emissoras até se socorrem com frequência de membros do mercado – mas o saber epistêmico da academia comparece igualmente na reflexão dos temas. Poderíamos enumerar muitos outros casos semelhantes aqui, mas mesmo assim não se perceberia, em caso algum, a recorrência que as emissoras fazem, no caso do esporte, a artistas, celebridades ou subcelebridades, humoristas, influencers, coaches ou qualquer configuração análoga (aliás, o que diria nosso caro Bourdieu se, em vez de falecer em janeiro de 2002, com 71 anos, ele pudesse ter assistido à infestação das TVs mundiais pelos *reality shows* e por esse variada fauna que passou a pautar o debate público?). Até mesmo a discussão em torno de outro assunto tido igualmente como “menor”, como a área da cultura (cinema, música, teatro espetáculos etc.), também é comedida no recrutamento de pessoas exóticas àquele universo, o que faz com que agentes aparentemente mais “gabaritados” acabem por ocupar o espaço da opinião.

Como vimos algumas páginas atrás, figuras da universidade brasileira, salvo melhor juízo, não estiveram envolvidas substancialmente no debate televisivo sobre a Copa do Mundo do Catar. Nos canais do grupo Globo (SporTV e Globo), os programas de maior repercussão ainda tinham uma participação diminuta de jornalistas, já que o protagonismo ficou com atrizes, cantoras, celebridades e ex-jogadores permanentes do canal ou avulsos, que não faziam parte dos quadros ordinários da empresa. Não é gratuito assim que o “Pesquisa” realizado pelo Portal UOL no final de 2023 com atletas que disputaram o campeonato brasileiro de futebol daquele ano tenha apontado como melhor comentarista da TV brasileira, pela primeira vez, um ex-jogador – no caso, o meia Pedrinho, que se licenciou do grupo Globo para concorrer e vencer as eleições para a presidência do Vasco da Gama.⁵

Não se trata aqui de demonizar a presença de tais pessoas para debater o esporte, até porque, como também destacamos, alguns dos melhores momentos da cobertura televisiva brasileira sobre o Mundial do Catar estiveram na mão desses *outsiders*. Trata-se, na verdade, de revelar a perda de espaço

⁵ Disponível em <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2024/01/02/pesquisao-2023-pedrinho-e-eleito-o-melhor-comentarista-de-futebol.htm>. Acesso em 03 jan. 2024.

experimentada pelo saber acadêmico e pelo próprio saber jornalístico, que, em alguns casos, cedeu seu lugar para o histrionismo opinativo em detrimento do pensamento reflexivo e explicativo. E tudo isso só pôde ser levado a cabo porque os novos atores da cena midiática também foram imbuídos daquilo que, em outro texto, Bourdieu (1982) chamou de “linguagem de autoridade”:

Le langage d'autorité ne gouverne jamais qu'avec la collaboration de ceux qu'il gouverne, c'est-à-dire grâce à l'assistance des mécanismes sociaux capables de produire cette complicité, fondée sur la méconnaissance, qui est au principe de toute autorité. (BOURDIEU, 1982, p. 113)⁶

A especificidade do discurso de autoridade está no fato de que ele não necessita apenas ser compreendido, mas sim no fato de que ele só exerce seu poder na condição de que seja reconhecido em sua autoridade. Esse reconhecimento, acompanhado ou não da compreensão, é dado apenas a partir de certas condições, aquelas que definem o uso legítimo do discurso: ele deve ser pronunciado por uma personalidade legítima, pelo detentor do “spektron”, conhecido e reconhecido como habilitado e hábil a produzir essa classe particular de discurso (como padres, professores, poetas etc.); ele deve ser pronunciado numa situação legítima, ou seja, diante de um público legítimo (não se deve ler uma poesia dadaísta numa reunião de conselho ministerial); e, por último, ele deve ser enunciado dentro de formas legítimas – ou seja, de acordo com o código vigente entre emissor e receptor. (BOURDIEU, 1982, p. 109).

A validação desse discurso de autoridade, por outro lado, é o que também impede uma maior heterogeneidade na composição dos debatedores. O Seleção Catar (SporTV), além de ser apresentado por dois jornalistas homens (André Rizek e Marcelo Barreto), foi ocupado quase integralmente por figuras masculinas. Para além das pessoas citadas na Tabela 1, houve apenas a presença de ex-jogadores (como Hernanes, Petkovic e Kleberson) e de jornalistas da casa (eventualmente, alguma mulher).

Esta envolvimento quase integral depositada sobre as figuras dos ex-jogadores já chamava a atenção do colunista Artur Xexéo, então no *Jornal do Brasil*, por ocasião da Copa do Mundo do Japão e da Coreia em 2002. Xexéo ironizava a presença de ex-jogadores que comentavam as transmissões de jogos da seleção brasileira e colocava em xeque o discurso de autoridade que eles possuíam (ou não):

Nossos espões continuam em ação no Brasil. Daí vem o comentário de José Roberto Wright, durante a peleja entre Irã e Estados Unidos: “O juiz é um solitário que não pode nem tocar na bola.” Como se vê, Wright é praticamente um poeta. Mas também é a prova viva de que tem comentarista demais nesta Copa. ⁷

⁶ Tradução livre: “A linguagem de autoridade não governa senão com a colaboração daqueles que a governam, isto é, graças à assistência dos mecanismos sociais capazes de produzir esta cumplicidade, fundada sobre o desconhecimento que está no princípio de toda autoridade.”

Dos nossos espíões que ficaram no Brasil: Aí Galvão Bueno pede para Romário comentar o discutido pênalti do Brasil contra a Noruega. Fala Romário: “Difícil. Prefiro nem comentar.” Agora, me explica, quando prefere não comentar, Romário tem um desconto no seu salário de comentarista?⁸

Não poderíamos deixar de citar aqui a provocação de outro pensador europeu, neste caso o semiólogo Umberto Eco (1984), que tanta repercussão ganhou nos estudos sobre comunicação e esporte. Trata-se do conjunto de reflexões especialmente presentes no artigo “A falação esportiva”, publicado originalmente em 1969 (no Brasil, está presente na obra *Viagem na irrealidade cotidiana*). Para Eco, a discussão sobre o espetáculo esportivo e sobre a falação a respeito do mesmo espetáculo (incluindo-se aqui os agentes dos meios de comunicação que perpetuam comentários e análises sobre o jogo) torna-se um simulacro que substitui os assuntos mais sérios da vida. A falação esportiva permitiria, assim, que os atores do esporte (público leitor, espectador, torcedores etc.) brincassem de gerir a “Coisa Pública”, mas despidos dos deveres e direitos que envolvem a discussão política:

Em vez de se julgarem os atos do ministro das Finanças (para o que é preciso entender de economia e de outras coisas), discutem-se os atos do treinador; em vez de se criticarem as posições do deputado, critica-se a posição do atleta; em vez de se perguntar (pergunta difícil e obscura) se o ministro fulano assinou ou não pactos ainda mais obscuros com o poder sicrano, pergunta-se se a partida final ou decisiva terá sido fruto do acaso, da forma atlética, ou de alquimias diplomáticas. O discurso futebolístico requer uma competência não vaga, decerto, mas de uma forma geral, restrita, bem concentrada; permite assumir posições, expressar opiniões, propor soluções sem que ninguém seja detido ou fique por isso exposto. (ECO, 1984: 231)

Se Bourdieu (1997) apontava, na década de 1990, o quanto a tela de televisão havia se tornado uma espécie de espelho de Narciso, isto é, um lugar de exibição narcísica, nossas reflexões até aqui foram inequívocas em confirmar tal juízo: para o bem e para o mal, a falta de diversidade de atores colocados em jogo pela televisão brasileira na Copa de 2022 serviu, em certa medida, para diminuir a essência das reflexões em torno do jogo de futebol, fazendo com que o universo da espetacularização e do *fast-food* cultural assumisse narcisicamente a proa do debate público em torno de algo (o esporte) que, ao que indicam as empresas de comunicação, não pode ser levado tão a sério como a economia, a política e a geopolítica.

Considerações finais

Pierre Bourdieu, em *Sobre a televisão*, procura analisar o meio televisivo a partir das estruturas invisíveis que regulam seu funcionamento. Para tal, ele reemprega o seu conceito de campo para aplicá-lo

⁷ Artur Xexéo, *Jornal do Brasil*, 24/06/98.

⁸ Artur Xexéo, *Jornal do Brasil*, 25/06/98.

sobre as emissoras de televisão e também sobre o jornalismo televisivo (é interessante que o sociólogo francês não se tenha debruçado um segundo sequer para considerar a teledramaturgia produzida ou exibida pela TV). No entanto, Bourdieu parece, à primeira vista, refém de um estudo um tanto quanto datado, haja vista que algumas estruturas por ele percebidas sofreram profundas transformações nos dias de hoje. Mesmo assim, não nos parece que o comportamento da televisão brasileira em torno da cobertura da Copa do Mundo FIFA de 2022 esteja tão distante de muitas das problematizações apresentadas por ele e publicadas em 1996. A presença acachapante de programas de debates ao longo de todo o dia, preenchendo as grades televisivas com um conteúdo de produção mais barata para as emissoras (tais programas precisavam apenas reunir um grupo de pessoas num estúdio e contar com imagens ou reportagens usadas e reutilizadas em diferentes momentos pelo próprio canal), moldou e reatualizou a figura dos *fast-thinkers* pensada por Bourdieu.

Se isso já o preocupava no final do século XX, ao menos as emissoras passaram a recorrer posteriormente a diferentes atores do mundo sociocultural e midiático, incluindo-se aqui não amiúde o saber científico-acadêmico, para diagnosticar temas de áreas com a geopolítica, o meio ambiente, a economia, a ciência política etc. Mesmo assim, muitas das particularidades tratadas por Bourdieu permanecem, como os debates verdadeiramente falsos e os debates falsamente verdadeiros, para usar outra provocação dele. No caso do esporte, contudo, nem isso aconteceu, posto que as emissoras – como pudemos verificar aqui na cobertura do Mundial do Catar – passaram a privilegiar de maneira primordial o papel da opinião *fast-food*, sem grandes fundamentações epistêmicas ou embasamentos reflexivos. E percebamos que não foi por falta de tempo! Os *low-thinkers* da academia, que por vezes têm dificuldades para participar adequadamente de conteúdos televisivos dada a urgência e o ritmo que um programa audiovisual impõe, tinham muitas opções e muito tempo ao seu dispor, caso fossem lembrados para enriquecer qualquer discussão em torno do futebol.

A consequência, conforme denunciada por Bourdieu, é a predominância de uma mentalidade “índice de audiência”, pois se pensa apenas em termos de sucesso comercial. Há pelo menos 30 anos, e durante todo o século XIX, o sucesso comercial imediato era suspeito. Hoje, o mercado é cada vez mais reconhecido como “instância legítima de legitimação”. (BOURDIEU, 1997, p. 37)

Além disso, Bourdieu parece sentir uma nostalgia de quando o meio impresso e o universo acadêmico ditavam ou tinham certo monopólio junto ao debate público. A perda desse poder simbólico

para a televisão e a existência desta como o “árbitro do acesso à existência social e política” (p. 29) já poderiam prenunciar uma nova mudança de eixo no poder simbólico que a TV passou a dividir com as redes sociais e a internet. As ideias de Bourdieu sobre a televisão, ainda que insuficientes para dar conta da ecologia midiática atual, ainda puderam ceder algumas chaves de interpretação para o trabalho realizado pela TV brasileira diante da Copa do Mundo FIFA de 2022. Mas as insuficiências de Bourdieu também são nossas, uma vez que o propósito deste artigo foi, desde o início, e de forma deliberada, passar ao lado dos novos atores que passaram a mediar o esporte, como as redes sociais, o Youtube ou as plataformas de streaming. Trata-se de abordagem e de enfoque que deverão ganhar novos contornos a partir de agora e sobre os quais poderemos tecer algumas palavras futuramente.

José Carlos Marques

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6175-4162>

Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Bauru (SP), Brasil

Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP

E-mail: jose.marques@unesp.br

Recebido em: 15 de janeiro de 2024.

Aprovado em: 19 de fevereiro de 2024.

Referências:

APCHAIN, Thomas. **Sur la television** – recension (on line). Disponível em: <https://www.dygest.co/pierre-bourdieu/sur-la-television>. Acesso em 21 dez. 2023.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

_____. **Jornalismo interpretativo**: filosofia e técnica. Porto Alegre: Sulina, ARI, 1976.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed52.2024.387>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 24, Nº 52, p.218-237, jan./abr. 2024

_____. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, ARI, 1980.

BONINI, Adair. Os gêneros no jornal: o que aponta a literatura da área de Comunicação no Brasil? **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 205-231, jul./dez. 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Ce que parler veut dire: l'économie des échanges linguistiques**. Paris, Fayard, 1982.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro**. Santarém: Jortejo, 1998.

_____. **Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1993, 5ª ed.

_____. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FREITAS FILHO, Lauro. A cobertura esportiva no rádio e no jornal. In: DIEGUEZ, Gilda Korff (Org.). **Esporte e poder**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 51-59.

LOPES, Paula Cristina. **Gêneros literários e gêneros jornalísticos: uma revisão teórica de conceitos**. 2010. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/bocc-generos-lopes.pdf>.

MARQUES, José Carlos. "Os desafios da TV brasileira na cobertura esportiva: informação versus entretenimento". Em: **Fronteiras híbridas do jornalismo**. Organizado por Ana Carolina Rocha Pessoa Temer; Marli dos Santos. v. 3, p. 213-230. Curitiba (PR): Appris, 2015.

MARQUES DE MELO, José. Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: _____.; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 23-41.

_____. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação**. Covilhã: LabCom Books, 2009.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.